

# O Homem Que Era Salazar

Parábola do Portugal contemporâneo  
para uso de cidadãos desprevenidos



## Índice

Um jantar no Gambrinus .....	11
O blogue .....	17
No teatro .....	23
A conversa de café .....	27
O programa da manhã .....	33
Ciúmes profissionais .....	41
Salazar na intimidade .....	45
Entrevista com o ditador .....	51
O convite para o debate .....	65
O grande debate .....	71
UNIDADE .....	81
Todos com Salazar .....	89
Salazar 2015 .....	95
Rumo à vitória .....	103
A noite eleitoral .....	109
Epílogo: O discurso da tomada de posse .....	117
Nota explicativa .....	125



«Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão-de medir a vós...»

S. Mateus 7-1,2.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Epígrafe do livro *Salazar na Intimidade*.



## Um jantar no Gambrinus

Naquela noite, o actor que interpretava o ditador António de Oliveira Salazar, na peça de teatro *Ó Tempo Vota para Trás!*, discutiu com o encenador, saiu disparado do camarim sem despir a roupa de cena e decidiu ir jantar ao Gambrinus.

O chefe de sala, ao reconhecer o actor com o característico fato preto, botas e chapéu, identificou de imediato o personagem. Também o aspecto físico do artista, alto e de rosto fino, compunha a cópia fiel do antigo ditador Salazar, facto que, inclusive, lhe valera ser considerado como primeira escolha para o papel. O funcionário do Gambrinus saudou então o personagem que o actor encarnava:

– Senhor Presidente do Conselho! Mas que honra nos dá em visitar o nosso modesto estabelecimento!

O artista sorriu perante aquela observação e esqueceu-se da discussão que acabara de ter com o encenador. Com a voz fina que caracterizava Salazar, e que se empenhara em aprender durante horas de observação e escuta de discursos, o actor perguntou se não se importava que fosse ocupar uma mesa discreta. Há muito que não comia uma refeição decente e sentia que hoje a merecia. Acrescentou que tivera uma noite difícil e, por

isso, lhe apetecia um pequeno luxo e algum recato. O chefe de sala encaminhou-o para o canto esquerdo da sala e indicou-lhe a mesa 101.

Um dos clientes habituais do restaurante, sentado no seu lugar de sempre, no extremo oposto, assistiu à entrada do actor na sala. Incapaz de controlar a emoção, levantou-se, aproximou-se muito respeitosamente da mesa onde aquele acabara de se sentar, estendeu-lhe a mão e apresentou-se:

– Senhor doutor! Provavelmente não se recorda de mim, mas lembro-me muito bem do dia em que o visitei no seu gabinete de São Bento, em 1952!

O actor olhou para o homem que o queria cumprimentar. O cliente esperava uma resposta e ele notou que havia ansiedade no olhar com que o fitava. Tentou perceber se não seria alguma brincadeira, semelhante à do chefe de sala. Por outro lado, interrogava-se se aquele interlocutor perdera momentaneamente o juízo e não estaria mesmo convencido de que se encontrava perante o verdadeiro António de Oliveira Salazar, aquele que ele visitara em São Bento no longínquo ano de 1952. O actor observou o cliente com mais atenção. Era um indivíduo já de idade, alguém que, notoriamente, vivera a maior parte da sua vida no tempo do Estado Novo e agora carregava o peso dos anos. Estava bem vestido, notava-se que tinha uma posição social desafogada e era muito possível que tivesse conhecido Salazar pessoalmente. Como o actor sabia que os figurinistas tinham feito um bom trabalho e encarnava na perfeição a figura do antigo Presidente do Conselho, optou por não desiludir o homem que lhe estendia a mão e cumpriu o papel que se esperava de si. Com a voz fina, arrastada e de acento beirão que identificava Salazar, respondeu:

– Claro que me lembro! Como está o meu bom amigo? E a família?

– A família está bem, senhor doutor! – exclamou de seguida o cliente. – Mas, o que é feito do senhor doutor? Por onde tem andado?

– Tenho andado por aí. Tenho andado por aí – foi a única coisa que o actor se lembrou de responder e nem sequer era uma frase que pudesse ser associada a Salazar. De facto, a expressão «andar por aí» não significava nada, no entanto pareceu ser uma boa frase para ser usada naquelas circunstâncias.

– A falta que o senhor nos faz... – suspirou o cliente, que continuava a olhar fixamente para o actor. Estava como em transe.

– Olhe que não. Olhe que não – essa, também lhe pareceu ser uma frase apropriada.

– Faz sim, senhor doutor! Esta gente toda anda a dar cabo do país que o senhor construiu com tanto sacrifício! – exclamou o cliente.

O actor sorriu. O cliente estava a entrar num campo sério, onde se faz a apologia de Salazar e se menospreza a democracia. Pelo canto do olho, o artista notou que o casal sentado na mesa à sua frente sorria e comentava discretamente o que se estava a passar. Procurou o olhar cúmplice do chefe de sala ou de um empregado. Queria desviar a conversa, mas não havia sinal de nenhum deles.

– O senhor doutor – insistia o cliente – devia expulsar estes moços que estão no governo e voltar a mandar! A Nação precisa novamente de si, senhor doutor!

– Agora temos a democracia. Isso vai-se resolver, meu bom homem. Eles vão chegar a um consenso. – O actor tentava acalmar o cliente, mas continuava a falar com o mesmo tom de voz, sem abandonar o personagem.

– O povo está cansado desta corja, senhor doutor. A democracia não vai resolver nada!

– A bem dizer – o actor lembrou-se então de uma citação de Salazar e que fazia parte do guião da peça de teatro –, *um decreto*



*a reconhecer a cidadania faz-se em minutos e pode fazer-se já. Um cidadão, isto é, um homem pleno e conscientemente integrado numa sociedade política civilizada leva séculos a fazer!* – disse.

– Por isso é que o senhor deveria voltar a mandar! O povo ainda se lembra do trabalho que fez! – O cliente repetia-se e a conversa estava já a ser seguida por mais clientes que olhavam para a mesa do canto.

– *A gratidão pertence à História, não à política.* – O actor voltou a citar Salazar.

O chefe de sala, entretanto, chegou junto da mesa e interrompeu o diálogo, salvando a situação.

– Então, senhor arquitecto, tem aqui a sua conta – disse o funcionário do restaurante para o cliente –, e agora deixe o senhor Presidente do Conselho tranquilo. Ele precisa de comer, pois tem muito que pensar, não é verdade, senhor doutor? – concluiu com um piscar de olho para o artista.

– Pense nisso, senhor doutor. Pense no país que espera por si – pediu o cliente à medida que abandonava a sala.

– Pensarei sim, meu bom homem. Bem-haja! – respondeu o actor com um aceno de mão.

O chefe de sala recolheu a ementa da mesa e pediu desculpa pelo incómodo.

– Lamento que tenha sido incomodado, senhor doutor. O senhor arquitecto já tem uma certa idade e às vezes fica assim.

– Não há problema, eu percebo...

– Estaremos atentos para que não volte a ser incomodado. Não é pelo que o senhor tenha feito ou deixado de fazer ao país, mas é um cliente como os outros. Tem direito à sua tranquilidade. E isto aqui é assim desde a fundação do restaurante, em 1936!

– Foi um bom ano, 1936... – O actor continuava a falar como Salazar. – Celebrámos nessa altura os dez anos da Revolução do 28 de Maio e, no mês seguinte, tivemos a Primeira Conferência

Económica do Império Colonial Português. Foram depois mais dez anos de trabalho pela revolução e que se transformaram a seguir em mais vinte. Ao todo, quarenta anos de sacrifício pela Pátria! – gracejou.

– Realmente, senhor doutor, uma vida de trabalho – observou o chefe de sala com um tom jocoso. – E o que vai comer, senhor doutor? Já escolheu? – perguntou.

– Sim, já escolhi – o actor continuava sem abandonar o papel –, vou na lampreia à minhota. Hoje apetece-me uma iguaria.

– E para beber, senhor doutor?

– Pode trazer vinho tinto. Um *Dão*, pois claro. Como não há vinho do meu, o *Dão Meia Encosta* serve. E meia garrafinha chega.

– Com certeza. Uma lampreia à minhota acompanhada de meia garrafa de *Dão Meia Encosta*.

– É isso mesmo. Já andava cansado de comer apenas sopa de agriões – concluiu o actor, sempre com a imitar a voz de Salazar.

A refeição decorreu sem história e o artista não voltou a ser importunado por mais nenhum cliente. No entanto, sem que o suspeitasse, uma cliente sentada com dois amigos numa mesa não muito longe da sua assistira com muita atenção ao que se tinha passado. Era autora de um diário digital, vulgo blogue, com uma respeitável legião de seguidores. E, ao ver aquilo que aconteceu, teve uma ideia para um pequeno texto que iria escrever assim que chegasse a casa.